

WILDE, Guillermo. **Religi3n y poder en las misiones de guaraníes**. Buenos Aires:SB, 2009. 512 p.

LUÍS ALEXANDRE CERVEIRA¹
UNISINOS

Se iniciada a leitura da obra *Religi3n y poder en las misiones de Guaraníes* de maneira desavisada, o leitor bem poderia pensar que estivesse lendo um 3timo romance hist3rico. Logo em seu in3cio, encontraria a descri33o de uma tensa cena em que ind3genas atacam uma est3ncia. Como resultado, ocorre viol3ncia, morte, pilhagem e sequestro. Mas encontraria, tamb3m, um di3logo improv3vel entre o 3ndio que saqueava e a senhora que contemplava o corpo do seu marido morto, uma conversa entre crist3os, que foi da fidalguia ao uso da for3a; o cen3rio, a campanha rio-platense dos fins do s3culo XVIII.

Entretanto, a obra que 3 objeto desta resenha n3o 3 um romance hist3rico. 3 uma excelente obra de etno-hist3ria – ou antropologia hist3rica, como preferem alguns – escrita pelo jovem pesquisador argentino Guillermo Wilde. O autor, nascido em Salta, licenciou-se e doutorou-se em Antropologia Sociocultural pela Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires. Pode-se dizer que em sua forma33o h3 um pouco do tempero brasileiro, realizou p3s-doutorado no Museu Nacional (UFRJ). Atualmente 3 professor na Universidad Nacional de San Mart3n – UNSAM, na Argentina. Trabalha tamb3m como investigador do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) e do Instituto de Altos Estudios Sociales de la Universidad Nacional de San Mart3n. A obra em quest3o ganhou, em 2010, o pr3mio Iberoamericano de la Latin American Studies Association

¹ Lu3s Alexandre Cerveira 3 mestre e doutorando em Hist3ria Latino-americana pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). E-mail: alexandrecerveira@hotmail.com .

DOSSIÊ: FONTES E PROBLEMAS COLONIAIS, LEITURAS E ANÁLISES ATUAIS:
TEMAS DA CULTURA SUL-AMERÍNDIA NO CONTEXTO COLONIAL

(LASA 2010).

Como anunciado, *Religión y poder em las misiones de Guaraníes*, tem um inegável, e confessado pelo autor, estilo narrativo. Wilde nos informa que quis “dar a este libro un estilo eminentemente narrativo en congruencia con el espíritu que los documentos me transmitieron” (2009, p. 46). Essa escolha, por sua vez, se mostra muito acertada ao longo das mais de 500 páginas da obra. O autor consegue não só imprimir bom ritmo narrativo ao longo período que se propõe a historiar (as missões guarani da fundação à extinção, séculos XVII a XIX), mas, também, transmitir com sensibilidade algumas das sensações que experimentou durante a descoberta e leitura dos documentos².

Mas se a leitura é agradável e fluida durante os 11 capítulos da obra, não faltam, por um lado, uma sólida base teórica, e por outro, discussões sofisticadas com uma vasta bibliografia, que vai dos clássicos aos mais recentes trabalhos acadêmicos. O que há de característico na obra, entretanto, é que os aspectos teóricos e as discussões sobre pontos polêmicos são tratados em uma consistente introdução e amplas e bem escritas notas (56 páginas ao final da obra). Cabe ressaltar, ainda, que o autor embasou sua pesquisa em uma extensa gama de documentos inéditos ou revisitados, o que pode ser notado pelas referências diretas e pela variedade de fontes documentais.

Além disso, a estratégia narrativa não foi uma escolha meramente funcional ou literária, ela objetivou “reconstruir y analizar una serie de situaciones locales que tuvieron lugar en el largo período que va desde principios del siglo XVII hasta mediados del siglo XIX” (WILDE, 2009, p. 23). Essa “reconstrução”, por sua vez, busca compreender o processo histórico de formação das missões guarani³, uma comunidade política heterogênea – segundo o autor –, e os mecanismos simbólicos pelos

² Nos parece especialmente sensível a referência do autor a um documento encontrado na biblioteca de Madri com manchas de cera de vela. Sua imaginação tenta recriar a cena do jesuíta, em uma noite do século XVII, que descuidadamente deixa indicação do momento em que escreve para a posteridade (WILDE, 2009, p. 47).

³ A partir de aqui utilizaremos o sistema brasileiro de nomenclatura indígena, com letra maiúscula e sem o “s”. Conforme a Convenção para a grafia dos nomes tribais (ABA, 1954).

DOSSIÊ: FONTES E PROBLEMAS COLONIAIS, LEITURAS E ANÁLISES ATUAIS:
TEMAS DA CULTURA SUL-AMERÍNDIA NO CONTEXTO COLONIAL

quais se reelaborou e estabeleceu novos limites no decorrer do tempo. Pretende ainda dar conta de como os indígenas, especialmente suas figuras de autoridade, participaram, intervieram, se inventaram e reinventaram durante esse processo.

Para que estes principais objetivos fossem alcançados, o autor fez uso de um conceito central, o de “agencia indígena”, que permeou a narrativa e as abordagens analíticas ou interpretativas realizadas na obra. Wilde alerta, entretanto, que a natureza e o sentido histórico deste conceito não são dados, não estão acabados, mas precisam ser compreendidos em cada contexto e episódio específico em que os indígenas construíram sua legitimidade, identidade e história. Ou seja, como realizaram e negociaram adesões, produziram resistências diretas ou indiretas e efetuaram reelaborações e ressignificações.

O autor logo deixa claro sua principal hipótese, que já anunciava no título da sua obra, as missões – seu dinamismo e longevidade – foram, em grande e maior medida, fundamentadas e sustentadas pelas lideranças indígenas. O autor compreende que o “liderazgo” indígena tradicional se modificou à medida que estes líderes ajudavam a construir o espaço missional. Os antigos líderes passaram a ser chamados de “caciques”⁴, com o título espanhol de “Don”, e seus liderados passaram a integrar “cacicazgos”, sendo chamados de “vassalos”. Esses mesmos “vassalos” encontraram, na ocupação de cargos, no Cabildo das missões, uma oportunidade de ascensão social. Essa hipótese é retomada ao longo de toda a obra, e tem especialmente no período pós-expulsão jesuítico, o momento adequado para ser definitivamente testada.

Há ainda dois aspectos centrais que preocupam o autor e que são abordados de maneira bastante consistente. Sempre recorrendo às informações possíveis de ser extraídas das fontes, Wilde discute uma pretensa “cultura guarani” – seja ela de um “*ethos* ancestral” ou missional – e a visão idealizada de um espaço missional politicamente

⁴ Interessante a hipótese defendida pelo autor: segundo ele, antes do contato com europeus não havia uma clara distinção entre lideranças políticas e religiosas, e “hechiceros” seriam os antigos líderes que não aceitaram a cristianização.

DOSSIÊ: FONTES E PROBLEMAS COLONIAIS, LEITURAS E ANÁLISES ATUAIS:
TEMAS DA CULTURA SUL-AMERÍNDIA NO CONTEXTO COLONIAL

ordenado e livre de conflitos, com uma conformação étnica homogênea. Na esteira da crítica destes dois aspectos solidificados no senso comum – e que ainda persistem em alguns círculos acadêmicos –, o autor põe em cheque a ideia, ainda bastante aceita, de que houve uma “decadência” imediata do modelo missional logo após a expulsão da Companhia de Jesus do Império Espanhol em 1768.

Do ponto de vista teórico, Wilde procura superar o antagonismo entre processualismo e estruturalismo, típico da antropologia. A obra, em vários sentidos, procura articular estes dois enfoques. Além disso, há um claro objetivo em articular duas ciências, a Antropologia e a História. Não há nada de novo nisso – assim como a “descoberta” do ator indígena na época colonial. O que há, sim, é uma postura teórica que rejeita a simples transferência de conceitos da Antropologia e sua utilização direta em outros momentos e regimes de historicidade. A preocupação do autor é de não utilizar o conceito “tradicional de agência”; Wilde considera que, de modo geral, na tradição ocidental, a “agência” implica uma *“capacidad netadamente humana*, basada en una comprensión sociológica (contractual) de la sociedad” (2009, p. 36, grifos no original). Ou seja, acredita que esse conceito não dá conta de uma “agência indígena” que funciona a partir de outros registros, práticas e lógicas sociais.

O que a obra propõe, portanto, é que se faz necessário considerar seriamente os regimes de historicidade nativos. Para tanto, recorre a Carlos Fausto, que alerta que, de modo geral, ou a história indígena é produzida por outros, ou é “meramente una afirmación de lo idéntico, independiente del paso del tiempo” (FAUSTO apud WILDE, 2009, p. 92). Para que essas posturas possam ser superadas, se faz necessário, acredita Wilde, dar conta de como os indígenas pensavam a alteridade e como isso influenciou sua relação com o(s) “outro(s)”. Ou seja, para o autor, a forma como o Guaraní lidou com o diferente – indivíduos ou situações – é fundamental para compreender suas práticas, seu regime de historicidade e o “ser” Guaraní nos diferentes momentos históricos. Para ele, o “índio misional es parte de una configuración específica, resultado de un proceso de sedimentación histórica singular y de la

DOSSIÊ: FONTES E PROBLEMAS COLONIAIS, LEITURAS E ANÁLISES ATUAIS:
TEMAS DA CULTURA SUL-AMERÍNDIA NO CONTEXTO COLONIAL

superposición de trayectorias biográficas concretas” (WILDE, 2009, p. 37).

A obra objetiva, em grande medida, superar muitos dos mitos construídos sobre os Guarani e sobre as missões superar um “Guaraní de papel”, como diria Meliá (2004, p. 176). Um alvo principal da crítica do autor é a ideia de que as missões não só eram um espaço político ordenado e estável, mas também etnicamente homogêneo e “fechado”, criando a falsa ideia de antagonismo do nós (cristãos) e os outros (infiéis ou espanhóis), ou ainda o “dentro” e o “fora”. Essa questão é bastante significativa, ainda que a idealização do espaço missional há tempo venha recebendo críticas dos trabalhos acadêmicos, Wilde contribui na tarefa de compreender as reduções a partir de um conjunto amplo de fontes e também da dinâmica dos próprios atores.

Ao discutir um dos seus temas centrais, o “liderazgo”, o autor contribui com sua *mirada* antropológica para pensar um regime de organização de poder bastante instável, mesmo no período pré-jesuítico. Além disso, argumenta que o sistema era baseado em uma relação complexa de reciprocidade e parentesco, que continuou a existir mesmo dentro do sistema de “cacigazgo” implementado nas missões. Além disso, argumenta que o espaço missional tendia a “guaranizar”, pelo menos para os observadores externos, as populações reduzidas, mas que na prática – e a documentação sustenta isso – havia uma multiplicidade étnica bastante importante. Igualmente, o autor critica a visão da missão como espaço hermético, argumenta que o espaço missional, mesmo em seu período de maior desenvolvimento, esteve marcado pelo contato com os indígenas do “monte”. Estes contatos ocorriam seja por parentesco, seja pela constatação de entrada de “infiéis”, ou ainda pelas relações que se estabeleciam quando os Guarani saíam das reduções (idas às estâncias, lutas, etc...). Os líderes indígenas, portanto, teriam sido fundamentais na articulação de diferentes níveis de interação, como o novo e o velho, o “dentro” e o “fora”, a redução e o “monte”.

Do ponto de vista das fontes, a obra nos alerta para os riscos de uma leitura sem os devidos cuidados metodológicos da escritura

DOSSIÊ: FONTES E PROBLEMAS COLONIAIS, LEITURAS E ANÁLISES ATUAIS:
TEMAS DA CULTURA SUL-AMERÍNDIA NO CONTEXTO COLONIAL

jesuítica. Especialmente considerando que esse tipo de documentação era produzido conforme o destinatário, e que a própria ordem orientava no sentido de evitar falar dos aspectos negativos, valorizando os positivos. Não é uma informação ou cuidado novo, mas é pertinente, principalmente porque o autor – e aí sim sua maior contribuição neste aspecto – procurou trabalhar com documentação inédita ou pouco explorada, ou ainda, documentação jesuítica que fosse interna, “para dentro”, como cartas e memoriais. Além disso, houve o cuidado de utilizar-se de documentação não produzida pelos inacianos, como sumarias criminais, padrões populacionais e também fontes produzidas pelos Guarani⁵.

Como já mencionamos, a obra cobre um largo período temporal e temas diversos sobre os Guarani; entretanto, nos argumenta o autor, não teve a pretensão de abordagem em processo contínuo. Refere que “Los once capítulos que lo conforman son más bien reconstrucciones de acontecimientos o ‘eventos críticos’” (2009, p. 45). Neles, segundo Wilde, o mais importante não é a ordem cronológica, mas o “modo como se define la acción indígena y las modulaciones del espacio misional” (2009, p. 45). Grosso modo, pode-se dizer que os capítulos tratam: 1, 2 e 3, do período inicial da conversão e implantação das missões; capítulo 4, da “guerra guaranítica”; capítulo 5, do período de expulsão dos jesuítas; capítulos 6 e 7, do período pós-expulsão e dos conflitos entre lideranças indígenas e autoridades seculares; capítulo 8, do paradigma da mobilidade que se acirra no final do século XVIII; capítulo 9, da queda da monarquia e das repercussões do movimento da Junta de Buenos Aires sobre os Guarani; capítulo 10 trata do último momento do movimento artiguista e da adesão dos Guarani a “Liga de Los Pueblos Libres”; e, finalmente, no capítulo 11, da migração dos Guarani para a “banda oriental” e suas consequências para a população e suas lideranças.

A obra é concluída da mesma forma que iniciada, com uma

⁵ O autor valoriza especialmente este tipo de documentação, argumenta da importância de se poder “ouvir” sem intermediários aos Guarani. Como importante contribuição nesse sentido, cita os trabalhos de Eduardo Newmann (2004, 2005, 2007 e 2008).

DOSSIÊ: FONTES E PROBLEMAS COLONIAIS, LEITURAS E ANÁLISES ATUAIS:
TEMAS DA CULTURA SUL-AMERÍNDIA NO CONTEXTO COLONIAL

narrativa. É a história do encontro de uma índia “do monte” com demarcadores espanhóis em fins do século XVIII. O episódio lança luz sobre o contexto geral, é o período pós-expulsão jesuítico, que o autor pretendeu complexificar, dando, talvez aí, uma das maiores contribuições de seu trabalho para a historiografia e etno-historiografia jesuítico-guarani. Se *Religión y poder en las misiones de Guaraníes* tem limites e é passível de crítica, isso se deve ao fato de, por vezes, deixar as discussões mais complexas e sofisticadas fora do texto principal, sacrificando-as, ao relegá-las às notas. Isso certamente se justifica pelo forte teor narrativo e longo período coberto – limite, aliás, anunciado pelo próprio autor. Contudo, seja pela ousadia e competência em produzir uma obra que contemple todo o período missional, seja pelas contribuições sumamente importantes do trabalho, a obra de Wilde, certamente, conquistou lugar cativo entre as obras de referência sobre as missões guarani.

Referências bibliográficas

ABA, Associação Brasileira de Antropologia. Convenção para a grafia dos nomes tribais. **Revista de antropologia**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 150-152, 1954.

FAUSTO, Carlos. If God were Jaguar: cannibalism and christianity among the Guaraní (16th – 20th Centuries). In: FAUSTO, Carlos; HECKENBERGER, Michael. **Time and memory in indigenous Amazonia: anthropological perspectives**. Gainesville: University Press of Florida, 2007. p. 74-105.

MELIÁ, Bartolomeu. La novedad Guaraní (viejas cuestiones y nuevas preguntas): revisita bibliográfica (1987-2002). **Revista das Índias**, Madrid, v. 64, n. 230, p. 175-226, 2004. Disponível em: <http://revistadeindias.revistas.csic.es/index.php/revistadeindias/article/view/416/484> . Acesso em: 02 dez. 2010.

NEUMANN, Eduardo. “Mientras volaban correos por los pueblos”: autogoverno e práticas letradas nas missões guaranis – século XVIII. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v. 10, n.22, p. 67-92, jul./dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v10n22/22698.pdf> . Acesso em: 09 mai. 2011.

DOSSIÊ: FONTES E PROBLEMAS COLONIAIS, LEITURAS E ANÁLISES ATUAIS:
TEMAS DA CULTURA SUL-AMERÍNDIA NO CONTEXTO COLONIAL

_____. **Práticas letradas guarani:** produção e usos da escrita indígena (séculos XVII e XVIII). 2005. 361 f. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, [2005].

_____. A escrita dos guaranis nas reduções: usos e funções das formas textuais indígenas - Século XVIII. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 8, n.15, p-48-79, jul./dez 2007.

_____. Escribiendo em la frontera del Paraguay: prácticas de la escritura guarani durante la demarcación de limites (siglo XVIII). **Cultura Escrita y Sociedad**, Sevilla, n. 7, p.159-190, 2008.

WILDE, Guillermo. **Religión y poder en las misiones de guaraníes**. Buenos Aires: SB, 2009.
